2.º ANNO—NUMERO 58

INDEPENDENTE

Editor—João da Silva.
Redacção e administração—Rua de S. Thiago 14 e 16
Impressão-Typographia de Albano Pires, rua da Rainha, 120.

Condições d'assignatura
Anno, 1$200; com estampilha 1$500. Africa e Brazil, 3$000 reis.
Publicações—Annuncios e communicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

GUIMARÃES, 28 de dezembro de 1902.

NATAL

Uma tarde d'inverno, já então não havia folha secca nas arvores, pela estrada que vae de Jerusalem para o sul até Bethleem de Judá, seguiam um homem já velho arrimado a um bordão e, sobre uma jumentinha, uma Mulher muito moça e formosa.

O Velho caminhava na frente tropego e mal vestido. A capa azul que o cobria deixava vêr pelos buracos pedaços de tunica cuja orla esfarpada e lamacenta lhe trapejava nas pernas nuas onde se cruzavam as duras correias das sandalias gastas.

O bastão a que se arrimava, na parte inferior secco e nodoso como galho inutil ha muito arrancado da arvore, tinha (raro milagre) a outra extremidade florída e linda como viçosa planta n'um jardim cuidado.

A Mulher, essa, indolentemente balançada ao passo meudo da jumenta, com suas roupagens claras parecia envolta n'uma irradiação de Luz.

Era morena, e os olhos grandes, enormes, muito escuros e muito cheios de claridade, eram como duas metades de um ceu nocturno e calmo, onde fulgurassem estrellas. As sobrancelhas negras, regulares, unidas n'um só traço duas vezes ondulando, tinham a graciosidade de uma ave do ceu desprendendo vôo pelo azul sem fim. O nariz pequenino, curto, de narinas roseas, aspirava o ar inquieto e insaciado.

Pela larga estrada endurecida das geadas iam assim os dois silenciosamente. O sol doirado descendo no occaso entre manchas de um vermelho vivo alongava-lhes as sombras que pareciam espectros, ondulantes e indecisos; uma aragem cortante vinda das bandas do mar agitava a longa barba do Velho, fazia tremular como uma bandeira desfraldada o veu branco da Mulher.

Nem um canto d'ave, nem o chiar d'uma nora ou o mugido lento de um boi; nas arvores despidas nem uma folha se bulia e nos campos onde a neve requeimára a herva rasteira nem a branda e fugitiva agitação de um reptil buscando a toca.

Por vezes, nas revoltas do caminho, o Velho que trazia a correia da arreata presa no pulso nodoso e pelludo, parava de subito, voltando-se; a jumentinha estacava tambem e elle fitando um momento a Senhora, retomava a marcha cançada. Ella ás vezes sorria, ás vezes uma lagrima brincava-lhe á flôr das palpebras ou descia de manso pelo seu lindo rosto moreno de tão fina pelle. A mão delgada e fidalga erguia-se a enxugal-a com a ponta do manto, e admirado de a vêr assim entre chorosa e risonha como um ceu onde ainda o trovão echoa e já o sol rompe doirando a terra, o Velho (atravessavam então uma antiga aldeia entre palmares) paternalmente inquiriu:

«Oh Maria, doce thesouro que o Senhor confiou da minha cançada velhice, que tens tu que, como o indeciso n'uma encruzilhada de dois caminhos, estás entre o riso e o chôro sem saber por qual optar?»

N'uma voz terna e cantada como os hymnos que sobem do templo, ella exclamou:

«Oh Joseph, ante meus olhos passam dois grandes povos da terra com as suas armas, as suas bagagens, as suas mulheres e os seus filhos: uns vestidos como nós, outros cobertos com o ligeiro panno dos egypcios, com a pesada tóga de gregos e romanos ou com o manto vermelho dos mercadores que veem á Judêa em busca do balsamo e dos perfumes. São uns os de Israel chorando desoladamente, outros os homens pagãos rindo como se um grande contentamento lhes trasbordasse do coração.»

Joseph de novo silencioso rememorava o versiculo da Lei—«Duas gentes estão no teu ventre e do teu ventre se dividirão dois povos e um povo vencerá o outro povo e o mais velho servirá o mais moço.»

Iam já n'um descampado. Maria chamou de leve n'uma voz desfallecida:

«Oh Joseph, desce-me que não posso mais caminhar. Uma grande dôr me tortura.»

«Oh Maria, os romanos são maus e bem pode succeder que muito tenhamos de padecer se hoje mesmo não pernoitarmos em Bethleem.»

«Oh Joseph, grandes são as minhas dôres, e fraca a minha alma para as supportar, desce-me, t'o rogo que me sinto desfallecer.»

«Como queres tu que te desça, oh Maria, n'este descampado onde não ha folego vivo, onde tudo é aridez e tristeza, onde apenas um curto fio d'agua corre entre duas pedras!»

«Em verdade te digo, oh Joseph que a tua idade apagou a perspicacia de teus olhos. Fraca e cheia de dôres me encontro e ainda vejo além entre aquellas arvores mirradas uma caverna onde bem poderemos descançar.»

Para ahi se encaminharam atravez d'um trilho pedregoso, a suave Maria pelo braço do venerando Joseph e a jumentinha atraz tosando em silencio o tojo bravio.

A caverna, habitação de rudes pastores, estava deserta, n'esse instante. Uma tôsca grade de pau com silvas entrelaçadas fechava-lhe a porta. Dentro um boi e um burrinho comiam placidamente.

A Senhora aninhou-se ao fundo sobre um leito de feno secco; as dôres atormentavam-na e de novo volvendo para Joseph os olhos, os seus olhos grandes, enormes, muito escuros e muito cheios de claridade, pediu-lhe que buscasse alguem que a ajudasse n'aquella hora de difficil angustia.

Joseph sahiu cabisbaixo e retrocedeu no trilho pedregoso; procurou a estrada e circumvagando o olhar ancioso perguntava a si mesmo para onde dirigir-se. Como se lhe adivinhasse o intimo pensamento uma mulher vinha para elle da banda de lá do caminho. De repente estacou. Joseph que erguera o braço para chamal-a, sentiu que o braço se lhe immobilisava. Pelo alto do monte os pastores pararam tambem e n'um fio d'agua que descia murmurando entre pedras, as ovelhas do rebanho que se descedentavam pararam quietas, immoveis, com o focinhito roseo banhado pela agua, sem beber.

Depois tudo voltou á sua actividade: os pastores animaram-se e as ovelhas beberam, a agua cantou entre as pedras, o vento perpassou, a mulher veio a elle e informada em poucas palavras, acompanhou-o. Da caverna um fulgôr extranho irradiava, como de uma cratéra. Dentro, Maria exangue estava sentada sobre o leito de feno secco e pendurada do seio branco sorria-lhe uma creança com covinhas nos cotovellos e roscas de gordura nas pernitas.

Jesus tinha nascido.

Na noite de Natal

Debaixo dos Arcos da Camara

—Pois é como lhe digo, carissimo amigo e correligionario, são uns grandissimos marotos.

—Homem, parece-me que você exagera. Não se pode dizer isto alto; mas aqui que ninguem nos ouve, olhe que elles tem feito uma administração limpa, honesta, e...

—Qual honesta, nem meio honesta! Nem comem, nem nos deixam comer!

—Lá isso é verdade.

—Ora veja você o que succedeu com o pobre do Domingos, bom rapaz e nosso amigo.

Foi o anno passado por este tempo; tinha elle arranjado o imposto do peixe por um preço muito *caladinho*.

Você sabe? Tinha-se combinado de modo que...e tal e coisas, etc. Percebeu?

—Ora se percebi! Perfeitamente.

E depois?

—Depois, uma grandissima pouca vergonha.

Vieram estes malandros, puzeram a coisa em praça outra vez e o pobre rapaz, se quiz pescar o seu rico peixinho, teve de dar por elle mais 500 e tantos mil réis.

—Oh! co'os diabos! Que tremendissima espiga! Com que então, mais 500 e tantos mil réis.

Mas foram para o cofre da Camara?

—Pois é claro.

Mas ficou sem elles aquelle bom rapaz e nosso dedicado amigo. E você bem sabe, cá comnosco os amigos estão acima de tudo.

*

—E agora com a recebedoria?

—Sabe o meu amigo? A mesma pouca vergonha.

—Não sei. Não sei. Estou a ver que subiram as decimas!...

—Ora adeus. Você sabe que em Guimarães nunca a camara deu aos recebedores nem casa, nem subsidio para ella.

—Lá isso é verdade. Já tenho um bom par d'annos e sempre me lembro de sêr assim.

E acho mesmo que o dar-lh'a era contra lei; senão, não faltaria ha tantos annos quem reclamasse.

—Qual contra lei, nem qual diabo! Era contra lei emquanto os recebedores foram regeneradores e as camaras tinham lá suas fumaças de rectidão, de...coisas.

Mas desde que os ventos mudaram, e...

—Mudaram? Então vamos ter chuva. Mas olhe lá, o gallo ainda não virou.

—Não virou, mas agora canta *d'outra moda*.

Pois você não vê que elle é noso amigo e dos tesos!

—Sim, mas...a historia da loja arrendada, não havia exemplo...as más linguas e...

—Ora cêbo! Uma camara progressista deve gostar do progresso, e zás...pregou-lhe com 50 mil reis para a renda da loja.

—Oh diabo! 50 mil reis pela loja! E' forte.

Olhe que eu apanhei lá um resfriado o anno passado por estar na rua 3 horas á espera de me deixarem entrar. Foi uma carga d'agua pelo lombo!

—Então acha muito?

Você sempre me sae um typo. Pois elle, fique sabendo, merece isso e muito mais.

E aqui para nós muito baixinho. Chegue cá o ouvido.

Este anno como a coisa era já para os outros pagarem, dobram-lhe a parada.

—A parada? Então sempre houve batota?

Não, homem. Em vez dos 50 metteram lá 100 mil réis.

—Pela loja?

—Sim. Pois então.

—Mas isso foi puxar de mais pelo fiado.

—Foi. E por signal estalou.

A camara nova supprimio a pingadeira pela raiz.

Uma pouca vergonha, uma ladroeira!

—A coisa foi forte, sim senhor. Mas...diabo,...

Olhe que 100 mil réis pela loja foi...fortissimo.

Se não fosse amigo, era de se fazer ahi um barulho...de mil demonios. Depois os ditos, as coisas...

—Qual coisas! E' amigo é amigo!

Vale isso e muito mais.

Estes malandros que estão agora de cima é que são uns ladrões.

Não nos deixam pôr pé em ramo verde.

E tenho dito, não me contradiga! Senão, vae tudo razo!

.....

Oh! diabo.
Safa-te. Olha o Oliveira.
Ahi vem a policia.

Crepusculo de um povo

Cumprindo o que haviamos promettido no nosso ultimo numero, publicamos hoje na integra a conferencia que como noticiamos o sr. dr. Augusto de Castro realisou no Club Commercial d'esta cidade.

E' uma brilhante oração, que muito folgamos poder dar aos leitores que não tiveram a felicidade de ouvil-a ao distincto advogado portuense.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Só agora que estou n'este logar onde tão imprudentemente subi, só agora que me sinto dominado pela invencivel suggestão de tudo o que me rodeia e em volta de mim, palpita, só agora que vejo e comprehendo a nobreza de vossa hospitalidade, só agora é que dolorosamente sinto a difficuldade que não sei como vencer da minha situação! Trouxe-me aqui um convite, por tantos motivos, subidamente honroso—mas justamente porque o não mereci e o acceitei é que eu sinto agora que a minha insignificancia avulta deante da vossa generosidade, minhas Senhoras e meus Senhores! Eu nem sei quanto vos devo! Deante de vós a minha alma ajoelha e a vós todas, Senhoras, e a vós todos, meus Senhores, ella piedosamente, commovidamente, humildemente, agradece os momentos sagrados de Fé, de enternecido Alento, de suavissima Consolação, que lhe acabaes de dar!

Out'rora, n'esse remoto tempo dos combates e das balladas, os peregrinos, humildes e cobertos de pó, tinham sempre nos castellos fidalgos e guerreiros um canto do lar para se enxugar e repoisar da fadiga dos asperos caminhos... Era lei de santa hospitalidade. Sempre a porta estava aberta e sempre o lar estava aceso! Era no esmorecido tempo em que havia castellos e peregrinos—e as mãos debeis das princezas saravam as chagas dos mendigos...

Tantos annos correram—tanto cresceram os vicios e tanto se apagaram as virtudes! Os corações cerraram-se mais á Dôr alheia—e a Fé, que reverdecia nas almas, murchou, pendente e triste, como uma flôr sem luz! Só entre vós, minhas Senhoras e meus Senhores, essa sagrada virtude hospitaleira nem se extinguiu, nem esmoreceu: ella tem ainda o mesmo luminoso culto nos vossos corações—n'esta terra, a mais portugueza, de Portugal! Eu sou como o mendigo, coberto de pó, já cansado das longas jornadas—que tão triste e precocemente comecei a experimentar: e á vossa Generosidade me vim humildemente acolher! Deus—dizem as chronicas—recompensava com milagres e bençãos as almas caridosas e suavissimas que curavam e consolavam as dôres dos enfermos e a humildade dos pobres da terra... Transformavam-se em rosas sempre abertas as feridas em que pousavam as mãos piedosas das donzellas. Que em rosas—em rosas de perenne frescura—se transformem pela vossa vida fóra, minhas Senhoras, os minutos de dulcissima e extatica commoção que devo á vossa Bondade inolvidavel!

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Em cada momento que passa, em cada hora que decorre, a todos os espiritos que meditam e comprehendem, a natureza ensina incessantemente a Vida.

Antigamente, os philosophos sentavam-se á beira dos rios e, na solidão das paysagens, aprendiam a conhecer o fundo das coisas e dos homens. A natureza é a unica Biblia verdadeira, disse-o um Poeta, na linguagem de verdade que só o coração dos poetas entende. Foi da contemplação da natureza que sahiu a mais nobre philosophia que tem inspirado espiritos humanos: o budhismo. Christo entendia a voz das coisas—e foi na contemplação da vida que se fez deus. A natureza fez os prophetas e os apostolos—porque ensina a Verdade Suprema e cria o Ideal intangivel.

Incessantemente, em volta de nós, a natureza se renova e se reproduz. E basta um dia—o espaço tão curto d'um dia—para nos dar o aspecto perfeito da vida inteira! Nós—a nossa vida—é apenas um dia, momento transitorio, na vida da Humanidade—e a Humanidade é tambem um dia, que depressa corre e foge, na Vida eterna d'onde todos sahimos, em que todos nos confundimos e a que todos regressamos afinal!

Contemplar—é o segredo das almas subtis e que tem a ancia de surprehender o mysterio das coisas inacessiveis! Contemplar é aprender a viver porque é saber sentir!

Um dia é um momento que depressa foge—é luz que depressa se apaga, é som que depressa morre! E no entanto a vida da Humanidade é ainda um dia—breve espaço, que depressa se perde na sombra fugitiva e ondulante...

As sociedades, os povos—como os homens—teem na vida o seu alvorecer indeciso e o seu declinar saudoso. E assim como nós podemos contemplar, no espectaculo suave das tardes, o esmorecer triste da paysagem e do sol, que se afunda no mar—o mysterio eterno e immenso do mar insondavel!—: assim tambem podemos, meditativos e extaticos, assistir, com os olhos illuminados, ao entardecer da vida dos povos, da vida da Humanidade, de tudo o que existe e como o sol se afunda no mysterio profundo e sombrio! O sol é a imagem da vida—porque é o fóco immenso da sua creação!

Ha oito seculos, minhas Senhoras e meus Senhores, que d'este pequeno canto do mundo alvoreceu para a vida a historia d'um povo—e não é sem uma singular e inenarravel commoção que a gente, d'este mesmo logar onde este povo ha tanto tempo alvoreceu nos primeiros aspectos gloriosos de sua vida póde agora contemplar seu declinar lento! Recordar é a ultima consolação que resta aos homens ou aos povos sobre cuja alma começam a descer as nuvens negras da noite! A Saudade é o ultimo refugio das almas tristes e sensiveis... Ha oitocentos annos, n'este pequeno torrão cimentou-se uma nacionalidade, emancipou-se um povo: a batalha famosa de Guimarães deu começo ao exilio d'uma rainha e á formação d'um reino... Foi o nascer d'uma patria! Em oitocentos annos engrandeceu-se, glorificou-se essa patria magnifica de assignalados varões. Hoje dispersa-se talvez: do horisonte desce, vagaroso, o crepusculo! O dia termina—quem sabe?—pallido e frio. Oito seculos! Como é longo se attentarmos no revolver das paixões e na successão dos homens que esse tormentoso espaço comporta, com as suas luctas e os seus feitos! Como é breve, desoladoramente breve, se um momento reflectirmos na eternidade dolorosa e creadora da Vida que nos cérca, da vida immensa que vae d'um protoplasma a uma montanha que, em torno de nós, em cada momento, se aniquila e constantemente se multiplica!

Oito seculos! Longo espaço na historia d'um povo enorme: dia fugitivo que se extingue...

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Uma patria, afinal, é a encarnação d'uma Fé... Os animaes juntam-se nos montes: criam, defendem-se, emigram—mas não formam patrias. A patria suppõe a existencia d'um Sentimento collectivo e d'uma unidade moral: e os homens só a criam quando comprehendem esse sentimento e realisam essa unidade. Uma patria é uma communhão de corações e de vontades! Quando a Fé esmorece,—a solidariedade dissolve-se, a patria dispersa-se.

Nos peitos portuguezes esmorece a Fé? Chegou a hora fatal da dispersão? E' triste suppôl-o—e póde ser criminoso confessal-o.

Volvamos os olhos resignados para traz, para esse passado distante—e talvez n'elle aprendamos, com a singular verdade da nossa historia, o prophetico segredo do futuro! E' a noite que, profunda, se avisinha? E' uma nuvem apenas que tolda o ceu claro e luminoso?

Podesse a anciedade do nosso espirito comprehendel-o, sem esperanças fallázes, nem illusões tristes!...

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Nós fômos um povo que viveu d'um grande destino historico. A expansão da nossa raça encheu um mundo e illuminou, d'um immortal e incomparavel clarão, a historia da Humanidade. Raça de navegadores e de poetas, embalou-nos esse sagrado mysticismo do mar. D'onde veiu a Fé que tanto sublimou essa patria? Do Sonho, sem duvida—do sonho nostalgico e inolvidavel, que nos vinha da infinita tentação das ondas verdes e do Ceu azul... Fômos grandes emquanto pudémos alimentar e embalar esse Sonho... Foi atraz d'elle, d'essa miragem enganosa e irresistivel que atravessamos o Oceano—e era esse Sonho, incerto e nebuloso, que guiava as nossas galéras entre as tempestades e as sombras! Costeamos continentes, abordamos ilhas, descobrimos paizes. Era o Interesse que nos levava? Não! Descobrimos—mas nunca colonisamos. Venciamos os ventos, firmes e fortes, arrostavamos contra a cega brutalidade dos elementos ignorados—e logo que tinhamos realisado essa empreza, logo que estava satisfeita a anciedade victoriosa, deixamos aos outros os novos mundos por explorar ainda e iamos descobrir outros... Era a perseguição do mesmo Sonho sempre—esse Sonho messianico e ardente de que se fez o genio d'uma raça!

A India cobriu-nos de diamantes e de sêdas—o Brazil encheu-nos d'oiro. Mas que importou isso? Voltada para o mar, inclinada sobre o mar, a nossa alma sonhava ainda em novos payses, em mais distantes mundos a desvendar sempre!...

Depois o azul infinito do Ceu era tambem uma attracção melancholica... Foi ainda por esse novo Oceano da Phantasia—Oceano de resplandecentes perspectivas, de iriados flócos de espuma—que o Genio da nossa raça emigrou. Alegre? Não: feliz e triste! O mar deu-lhe uma epopeia: o mar faz toda a sua historia—o mar encerra todo o seu caracter. Inconstante como o mar, arrebatada e imprevidente como o mar, parecendo desconhecer a sua força, indomavel, ás vezes, queixosa e soffredora como o mar tambem: assim foi sempre a alma portugueza, imaginosa e vaga!

O mar parece que tem um grande sonho que o adormece e o embala: reverbéra, alegre e luminoso, quando o envolve o Sol; murmura mais baixo, com uma suavidade religiosa, feita de litanias e de presagios, quando, como uma mortalha, o luar desce sobre as ondas brancas... O mar dá a quem o contempla e escuta a suggestão do infinito e do mysterio. Tambem a nossa historia, a quem a entende e a ama, dá a suggestão dos grandes e incomprehensiveis triumphos humanos—o mysterio infinito do Sonho insondavel de que vive: sonho profundo, como o mar...

Depois de termos descoberto o mundo, parece que o Sonho nos abandonava: e então lançamo-nos n'uma nova empreza ardente... Foi Alcacer-Kibir. Ficou-nos lá um rei, como penhor e symbolo d'uma patria desesperada. E desde então o nevoeiro envolveu o horisonte. Atravez d'esse nevoeiro, procurou-se fazer reviver um rei glorioso e messianico em cujo peito viria a resurreição d'um povo... Era ainda o Sonho! A tradição sebastianista foi a revivescencia elegiaca da Fé que fizera e armára a Patria... Perdeu-se-lha n'essa bruma indecisa essa Fé ultima a que, anciosa e doloridamente, se agarrara, n'um derradeiro esforço, a alma nacional?...

Nascidos do Sonho, morreremos com o ultimo sonho!

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Alguem disse que as patrias morrem, no dia em que termina a sua missão historica: n'esse dia deixam de ter na vida um fim e um destino: dissolvem-se! Um historiador pessimista, Oliveira Martins, quiz vêr, já terminada e exgotada, a missão que nos chamára ao mundo: povo de maritimos e de aventureiros, com a ultima parcella de terra que descobrimos deixamos a razão de ser da nossa existencia moral! Sendo assim, é a dispersão que nos espera: sendo assim, a cerração que nos cérca é, na verdade, o crepusculo que antecede a noite! Oliveira Martins pensava-o, com o seu espirito doloroso da experiencia da vida e dos homens: mas o seu coração não o sentia! Não! O nosso coração adivinha uma luz longinqua no Ceu: essa luz será novamente a Fé!

Como é grata esta Crença—esta Esperança triste!

Minhas Senhoras e meus Senhores:

A's vezes, uma nuvem passa no Ceu: e essa nuvem encobre o Sol: parece que vae anoitecer, recolhem-se as aves aos ninhos, a natureza parece concentrar-se. Mas logo a nuvem passa: a escuridão dissipa-se, volta o Sol—é ainda dia!

Quem sabe se o mesmo não succederá agora a este Portugal antigo? Crepusculo? Talvez não—e oxalá que não!

Mas seja o que for, a nossa obrigação é não adormecer, imprevidentes, á espera que a noite desça: a nossa obrigação é lutar na illusão ou na certeza de que o dia vae de novo surgir. A dignidade das patrias mantem-se pela Fé—não deixemos fugir os ultimos alentos d'essa Fé! Cultivemol-a, engrandeçamol-a!

O Sonho antigo parece extincto... Embora! Atraz d'um Sonho, outro Sonho! Já não podemos seguir os segredos do mar: a sua tentação terminou, porque os seus perigos mysteriosos cessaram! Embora! A vida é multipla, sempre nova! Ha novos destinos a perseguir, novos mundos a desvendar! A consciencia humana é ainda um Oceano tenebroso: illumina-la com a Sciencia e com a Piedade—tal a nobre missão que a todos os homens pertence! Pois bem! Seja essa a nova Fé! Seja o trabalho a nova armadura gloriosa! Espalhemos a instrucção e o sentimento e renovaremos a Fé e renascerá talvez a Patria! Então o Ceu será novamente claro e luminoso: então o crepusculo cessará e em vez da Noite será o Sol no horisonte!

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Foi d'esta terra, n'esta provincia—o coração de Portugal—que irradiou a nacionalidade portugueza! E vêde—talvez nunca o tivesseis pensado!—como é d'aqui ainda que as ultimas esperanças e as ultimas forças partem!

Reuniste-vos para formar uma Sociedade que derramasse a instrucção: a luz e a vida do espirito: e a essa Sociedade daveis o nome do trabalhador prestante, que tão nobremente estudou as tradições nacionaes, e tão desinteressadamente vos honrou, honrando-nos a nós todos—Martins Sarmento! E nunca vos negaes a cultivar a Caridade, a Hospitalidade, a Religião—as maiores virtudes humanas!

Porisso, minhas Senhoras e meus Senhores, vindo a esta terra—cumpre-me saudar o passado que as gloriosas tradições da vossa cidade attestam—e cumpre-me tambem saudar nas vossas virtudes as ultimas esperanças redemptoras da nossa nacionalidade obscurecida.

O vosso exemplo consola e estimula o meu espirito. Parece que o dia vae raiar novamente: parece que o crepusculo se dissipa!...

AUGUSTO DE CASTRO

Parabens

Desde hoje até ao dia 3 de janeiro de 1903 fazem annos as ex.mas snrs.as:

Hoje 28—D. Maria José Quintanilha;
Janeiro 1—D. Virginia de Jezus Baptista;
« «—D. Sophia Elvira Leão Costa;
« 3—D. Eliza dos Anjos Fernandes.

E os snrs:

Hoje 28—Annibal Vasco Leão;
Dia 29—Abbade João Gomes d'Oliveira Guimarães;
« 31—Domingos José Ribeiro Guimarães;
Janeiro 1—Dr. Pedro de Barros Rodrigues;
« «—Augusto Leite da Silva;

CORREIO DAS SALAS

Com sua ex.ma filha partiu para o Porto a ex.ma sr.a D. Maria da Gloria de Souza Bandeira.

*

Do Porto regressou a esta cidade o nosso illustre conterraneo sr. Barão de Pombeiro.

*

Tambem já se encontra entre nós com sua ex.ma esposa e filhinhos o nosso sympathico amigo sr. Antonio Leite de Castro.

Os nossos cumprimentos.

*

Esteve no Porto na terça-feira ultima regressando no mesmo dia a esta cidade o sr. major Joaquim José Tristão.

*

Da sua casa de Crimatinhos, em Folgueiras, regressou a esta cidade na terça-feira passada o sr. Domingos Leite de Castro e sua ex.ma esposa.

*

Com sua esposa está entre nós o tenente-coronel medico sr. dr. Antonio Joaquim Rodrigues d'Oliveira.

*

De Lisboa regressou a esta cidade o nosso distincto conterraneo sr. Luiz Cardoso Martins de Menezes (Margaride).

*

Esteve n'esta cidade, mas já se ausentou para o Porto o nosso presado amigo e illustre deputado da nação sr. Avelino Augusto da Silva Monteiro, 2.º commandante da corveta Estephania.

*

Encontra-se entre nós com sua ex.ma esposa o nosso estimado amigo sr. dr. José Julio Moreira de Castro.

*

Tambem se acha em Guimarães acompanhado por sua ex.ma esposa o sr. Joaquim Manoel Peixoto, digno contador em Santo Thyrso.

*

Continua gravemente doente a filha mais nova do nosso amigo e assignante sr. José Joaquim da Silva Guimarães.

Desejamos-lhe promptas melhoras.

*

Encontra-se n'esta cidade, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinhos, o sr. dr. José da Silva Monteiro, digno juiz de direito na comarca de Méda.

*

Vindo de Lisboa, para passar o Natal com sua familia, encontra-se aqui o distincto aspirante de marinha e nosso amigo sr. Antonio Garcia de Souza Ventura.

*

Acompanhado por sua ex.ma esposa, temos entre nós o sr. Luiz Mexia, digno 1.º aspirante da alfandega do Porto.

*

Encontra-se em Guimarães o sr. dr. Miguel Tobim de Sequeira Braga, distincto delegado do procurador regio em S. Thiago do Cacem.

*

D'esta cidade, onde veio passar a festa do Natal com sua familia, ausentou-se para Lisboa o nosso amigo sr. Simão Pereira da Silva.

*

Encontra-se em Guimarães o sr. dr. José Maria de Moraes Sarmento, juiz de direito em Macedo de Cavalleiros.

*

Retirou ante-hontem para Lisboa com sua ex.ma esposa, o sr. José Lobo de Magalhães Ferraz, 2.º official da repartição de hygiene.

NOTICIARIO

Baptisado

Realisou-se na segunda-feira passada, na igreja de S. Pedro, o baptisado d'uma filhinha do snr. João Gualdino Pereira, conceituado e acreditado negociante d'esta praça.

Foram padrinhos a ex.ma snr.ª D. Amelia Moreira Abreu e o sr. Fernando Gilberto Pereira, e á recem-nascida foi dado o nome de Maria Amelia.

Os nossos parabens.

Um esclarecimento

Porque foi que a camara passada sahio sem pagar aos pobres arrematantes, obras executadas e liquidadas, apezar de ter para gastar n'esta especie a bonita somma de 5 contos de réis?

Resposta:

Porque todo o dinheiro foi pouco para construir a *Avenida da Bornaria*, obra de interesse particular, onde se gastaram muitos contos de reis, sem auctorisação, sem planta approvada, sem processo regular, sem qualquer sombra de legalidade.

Pão dos pobres

Como noticiamos foi feita no dia 23 a distribuição do pão dos pobres pela irmandade de Santo Antonio, erecta na parochial igreja de S. Sebastião, e hoje, interinamente, na Basilica de S. Pedro; a distribuição foi de 236 boroas, sendo com algumas d'estas, tambem contempladas 20 familias envergonhadas.

A caixa para as esmolas encontra-se na mesma Basilica.

GAZETILHA

(1902)

Já tem as inchações d'um neurastenico,
O ár já lhe entra a custo nos pulmões..
Sentem-se junto d'elle exhalações
De cadaver que exige acido phenico.

Reunidos em concilio ecumenico
Da cidade os mais altos sabichões
Resolveram enterral-o em dois caixões
Como meio seguro e mais hygienico.

Descance em paz o misero e mesquinho,
Que não tem n'esta terra quem lhe acuda,
Quem lhe dê agasalho, um lar, um ninho...

Nem admira: se morre sem ajuda
E' porque deixa as pipas sem bom vinho
E as bolsas a apitar... pela *taluda*.

I Grego

Um grande serviço

O maior que a camara actual tem prestado ao municipio, que nós reputamos acima da creação da policia, do projecto de melhoramento de aguas, e de alargamento da cidade, e de tudo mais que tem feito, foi a introducção de principios d'ordem, de moralidade, de legalidade na administração municipal.

Querem exemplos?

Espectaculo

Realisou-se na passada quinta-feira no theatro de D. Affonso Henriques, o annunciado espectaculo promovido pela distincta Sociedade dramatica Luz e Esperança, do Porto, que levou á scena a comedia em 3 actos—O Genro do Caetano—cujo desempenho foi muito correcto sobresahindo A. Regufe no personagem de Caetano Campota, que fez rir a bom rir a platea e L. Seromenho que representou com muita graça o papel de Aniceto Ventura.

T. Pinto, E. Costa, A. Martins, e M. Silva, tambem contribuiram para o bom desempenho da engraçadissima comedia.

Amelia Virginia, apesar de ter para cima de sessenta annos ainda diz regularmente e não desagradou.

Izabel Pinto deu-nos a impressão de quem anda a pedir por todos os cantos a Emulsão de Scott.

O sympathico amador Teixeira Pinto recitou com muita naturalidade o interessante monologo—«A morte de Dido».

Terminou o espectaculo com a comedia em um acto—«Milagres de Santo Antonio», menos engraçada do que a primeira, mas correctamente desempenhada.

Todos os amadores foram muito applaudidos e o publico sahiu bem impressionado.

*

Consta-nos que a mesma *troupe* representará brevemente no nosso theatro a «Ceia dos Conegos», que o «Independente» ha pouco acabou de publicar em folhetim.

Fallecimentos

Com 65 annos d'idade falleceu na quarta-feira passada á 1 hora da madrugada, na casa da Levandeira, na freguezia de Santo Thyrso de Prazins, a ex.ma sr.ª D. Maria Izabel Bezerra do Rego Cardoso.

Victimou a infeliz senhora uma febre typhoide que a accommettêu em casa de seu genro o sr. José Saraiva de Carvalho, onde tinha ido visitar sua filha a ex.ma sr.ª D. Maria do Rego Mello e Lima Saraiva de Carvalho, que, como noticiamos, falleceu ha dias victima da mesma doença.

O seu cadaver foi sepultado na quarta feira no cemiterio d'Athouguia.

A seu genro, e bem assim a seu filho o sr. Julio Diniz Bezerra do Rego Cardoso, e a seu irmão o sr. Rodrigo Bezerra do Rego de Mello e Lima, da casa da Lage, em Salvador do Souto, os nossos pezames.

*

Tambem falleceu ante-hontem, com uma tuberculose pulmonar, tendo apenas 17 annos d'idade, o sr. José Antonio Marques, sobrinho do nosso amigo sr. padre José Antonio Marques, muito digno parocho da freguezia de Brito, d'este concelho.

Os nossos pesames á familia dorida.

Missas do gallo

Por terem sido prohibidas por por s. ex.ª o sr. Arcebispo Primaz, não houve este anno missas do gallo em nenhuma das igrejas d'esta cidade onde era costume celebrar-em-se.

Para os pobres

Recebemos do sr. conego José Maria Gomes, distincto professor do Seminario Lyceu, a quantia de mil réis, que distribuimos segundo os desejos de sua ex.ª.

Agradecemos em nome dos contemplados.

A camara passada

Sahio em 2 de janeiro d'este anno.

1.º—Sem ter pago os juros e amortisação dos emprestimos municipaes aos respectivos credores.

2.º—Sem ter pago aos professores do lyceu os seus vencimentos d'uns poucos de mezes.

3.º—Sem ter pago muitas obras de caminhos e estradas, executadas e liquidadas, calotcando os respectivos arrematantes, que ainda hoje estão sem o seu dinheiro.

4.º—Sem ter pago a diversos fornecedores os seus fornecimentos.

Não quererá alguem dar-se ao trabalho de nos desmentir?

Theatro de D. Affonso Henriques

Na TABACARIA HAVANEZA está aberta assignatura para duas recitas que nas noites de 3 e 4 de janeiro proximo a Companhia Dramatica de Lisboa, realisa no Theatro de D. Affonso Henriques.

Na primeira noite representar-se-ha o drama em 4 actos de Victorien Sardou, traducção de Maximiliano de Azevedo, a «Tosca», e na segunda noite o drama em 3 actos e 1 quadro, do Visconde de Almeida Garrett, «Frei Luiz de Souza».

ASSIGNATURA para as duas recitas—Frizas e camarotes 1.ª ordem, 7$000—2.ª ordem, 2$400—Cadeiras, 1$200—Geral, 800.

AVULSO—Frisas e camarotes 1.ª ordem, 4$000—2.ª ordem, 1$500—Cadeiras, 700—Geral, 500—Galerias, 180.

PERDEU-SE

Na quinta-feira á noite perdeu-se uma pellerine, de pelle, mellada, desde o Largo do Cano ao Toural.

Quem a entregar em casa do Salgado, no Toural, receberá alviçaras.

COMMUNICADOS

...Snr. Redactor.

Tendo apparecido no jornal o «Progresso» do passado domingo uma local com o titulo *Uma féra* em que se fazem affirmações mentirosas e calumniosas e em que se chama para o assumpto a attenção do snr. administrador do concelho, vimos declarar que não é necessaria nenhuma intervenção de sua ex.ª porque não tem sido alterada a ordem no Pevidem, como o auctor da noticia melevolamente quer insinuar.

O melhor seria dár ao despreso quem assim tenta abocanhar a honra alheia ás escondidas, e se vimos declarar isto aqui é para que o mentiroso, se é homem, appareça e então lhe fallaremos como melhor entendermos.

* *

ANNUNCIOS

Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães

POR ordem do Ex.mo Presidente da Direcção, são convidados todos os socios d'esta associação a reunirem-se em assemblêa geral no seu edificio no dia 1.º de Janeiro proximo, pelas 11 horas da manhã, afim de se proceder á eleição dos commandantes e Direcção, para o anno de 1903.

Guimarães, secretaria da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, 24 de Dezembro de 1902.

O Secretario

Joaquim Martins Guimarães

ANNUNCIO

Arrematação

(1.ª publicação)

POR virtude da execução por custas, que o Ministerio Publico promove contra José d'Oliveira Faria Pinto, da freguezia de Brito, d'esta comarca, tem de arrematar-se no dia 11 do proximo mez de Janeiro pelas 12 horas da manhã, no Tribunal Judicial d'esta mesma comarca, os seguintes bens de raiz a saber: A leira denominada da Herdade ou Guilheta, terra lavradia com arvores de vinho, de natureza allodial, atravessada aos lados norte e sul por caminhos de servidão, situada na freguezia de Serzedello, d'esta comarca, avaliada por 20 annos na quantia de 72$600 réis.

A leira do Ribeiro, situada no Monte de São Pedro, no logar dos Sobreiros, da mesma freguezia, terra de matto, que se acha avaliada por 20 annos, na quantia de réis 8$000, o que tudo será entregue no dito dia a quem mais offerecer e der acima da sua avaliação, ficando por este citados todos os credores incertos do executado para assistirem á praça, querendo.

Guimarães, 16 de Dezembro de 1902.

Verifiquei,

Silva Leal

O escrivão,

Gaspar Teixeira de Souza Mascarenhas.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

Em virtude de Carta precatoria vinda do Juizo de Direito da 3.ª vara civel da Comarca do Porto, tem de arrematar-se em hasta publica no Tribunal Judicial d'esta Comarca de Guimarães, situado na rua das Lamellas, no dia 18 do mez de Janeiro proximo, ao meio dia, diversos bens de raiz descriptos no inventario por fallecimento de Antonio Ferreira Mendes Guimarães, solteiro e maior, morador, que foi, na rua d'Alegria, da freguezia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto, no qual é inventariante o Conselheiro Doutor João Candido Furtado d'Antas, a saber:

VERBA n.º 799

A Bouça chamada do Sabroso, situada na freguezia de S. Lourenço de Sande, foreira a Ricardo de Freitas Ribeiro, avaliada na quantia de 21:000 réis.

N.º 816

Uma morada de casas em muito bom estado, de um andar, com differentes sallas e quartos e outras dependencias, quintaes e terrenos lavradios, de natureza allodial, avaliada na quantia de 2:200$000 reis.

N.º 817

A leira d'Agrella, lavradia, foreira ao Casal do Souto, de Manoel José da Silva Costa, avaliada na quantia de 150$000 réis.

N.º 818

O campo de Plame, lavradio com arvores de vinho, allodial, avaliado na quantia de 130$000 réis.

N.º 819

Duas leiras de terra lavradia, com arvores de vinho, no logar das Veigas dos Pedraes, freguezia de Longos, foreiras á casa da Barranca, na dita freguezia avaliadas na quantia de 110$000 réis.

N.º 820

As leiras d'Agra do Freixo, freguezia de Longos, culta e inculta, allodial, no valor de 234$000 réis.

N.º 821

A Deveza dos Pedraes, terra inculta com carvalhos, allodial, no valor de 14$000 réis.

N.º 822

Uma sorte de matto na Devesa da Boucinha, com carvalhos e sobreiros, allodial, no valor de 120$000 réis.

N.º 823

Uma sorte de matto com carvalhos, situada no casal de Traz de Marianna, freguezia de Longos, allodial, no valor de 40$000 réis.

N.º 824

Uma sorte de matto, sita no Valle d'Elvas, freguezia de Longos, allodial, no valor de 10$000 réis.

N.º 825

Uma sorte de matto, ao norte da que já está descripta, no mesmo logar e freguezia, allodial, no valor de 12:000 réis.

N.º 826

Uma sorte de matto no logar chamado o Pôço dos Burros, na dita freguezia de Longos, allodial, no valor de 16$000 réis.

N.º 827

A leira da Castanheira, terra inculta com matto, allodial no valor de 10$000 réis.

N.º 828

Uma sorte de matto no logar da Castanheira, na mesma freguezia, allodial, no valor de 12$000 réis.

N.º 829

Uma morada de casas sobradada, com suas dependencias e terras cultas e incultas, tudo pertencente á propriedade de Fornos, sita no logar assim chamado, allodial, no valor de réis 1:300$000.

N.º 830

Um pedaço de terreno inculto com alguns carvalhos, ao sahir do portal de servidão da sobredita casa, allodial, no valor de 6$000 réis.

N.º 831

Coutada chamada do Pedraco, pertença da referida casa, situada no monte assim chamado, na freguezia de Longos, terra inculta com matto e sobreiros, foreira á Casa das Pedras de Cima, no valor de 200$000 réis.

N.º 832

Leira do Pedraco, pertença da propriedade de Fornos, sita no monte do Pedraco, freguezia de Longos, terra inculta com matto, allodial no valor de réis 10$000.

N.º 833

Uma morada de casas de um andar, com suas dependencias, quintaes e terras lavradias, allodial, no valor de 3:200$000 réis.

N.º 834

A bouça do Tapado, pertença do Casal do Rego, terra culta e inculta, com matto, carvalhos, sobreiros e pinheiros, no logar assim chamado, em S. Lourenço de Sande, allodial, no valor de 400$000 réis.

N.º 835

O campo do Cortelho, terra lavradia com arvores de vinho, pertença do Casal de Rego, sito no logar da Caserne, em S. Lourenço de Sande, allodial no valor de 132$000 réis.

N.º 836

A leira de Caserne, lavradia com arvores de vinho, pertença do Casal do Rego, sita na Veiga do Caserne, na freguezia de S. Lourenço de Sande, allodial, no valor de 76$000 réis.

N.º 837

A leira da Ozanda, lavradia com arvores de vinho, allodial, pertença do Casal do Rego, sita no fundo do campo da Vessada, em S. Lourenço de Sande, no valor de 200$000 réis.

N.º 838

O campo do Pelame, terra lavradia com arvores de vinho, allodial, sito na Veiga Grande, pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de réis 378$000.

N.º 839

O campo do Fundo da Veiga, lavradio com arvores de vinho, allodial, pertença do Casal do Rego, na freguezia de S. Lourenço de Sande, no valor de 110$000 réis.

N.º 840

O campo chamado Leira do Fundo, sito na Veiga da Travanca na freguezia de S. Lourenço de Sande, allodial, agora pertença do Casal do Rego, no valor de 90$000 réis.

N.º 841

O campo do Talho da Veiga, lavradio com arvores de vinho, sito na Veiga de Travanca, allodial e pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de réis 278$000.

N.º 842

O campo do Paulo e a leira da Veiga Pequena, terra lavradia com arvores de vinho, allodial e pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 170$000 réis.

N.º 843

A leira pequena na Veiga, terreno culto e inculto, allodial e pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 24$000 réis.

N.º 844

O Pradinho dos Garrires, lavradio com arvores de vinho, allodial e pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 130$000 réis.

N.º 845

A bouça da Rocha, terra inculta com matto e lenhas, allodial, e pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 70$000 réis.

N.º 846

A bouça chamada da Boucinha, terra inculta com matto, carvalhos e eucalyptos, allodial, pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 200$000 réis.

N.º 847

Uma sorte de matto no monte da Boucinha, com carvalhos, allodial, e pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 60$000 réis.

N.º 848

A sorte da Teixugueira, no monte da Boucinha, de matto e carvalhos, allodial, e pertença do Casal do Rego, em S Lourenço de Sande, no valor de réis 50$000.

N.º 849

A bouça de Traz dos Casaes, terra inculta com matto e carvalhos, sobreiros e oliveiras, allodial, pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 160$000 réis.

N.º 850

A bouça das Escadinhas, de matto e lenhas, allodial e pertença do Casal do Rego, em S. Lourenço de Sande, no valor de 160$000 réis.

N.º 851

Uma leira de matto dentro do Casal de Borralhos, na freguezia de Santa Leocadia de Briteiros, allodial e pertença do Casal do Rego, no valor de reis 10$000.

N.º 852

Outra leira de matto dentro do Casal de Borralhos, em Santa Leocadia de Briteiros, allodial e pertença do Casal do Rego, no valor de 10$000 réis.

N.º 853

Outra sorte de matto dentro do Casal de Borralhos, em Santa Leocadia de Briteiros, allodial e pertença do Casal do Rego no valor de 10$000 réis.

N.º 854

Uma coutada de matto no logar chamado a Cabana do Moinho de Vento, em Santa Leocadia de Briteiros, allodial e pertença do Casal do Rego, no valor de 80$000 réis.

N.º 855

Uma sorte de matto no monte das Travessas, em Santa Leocadia de Briteiros, allodial e pertença do Casal do Rego, no valor de 40$000 réis.

N.º 856

Duas moradas de casas com suas dependencias, hortas e terrenos lavradios, no logar das Barreiras em S. Lourenço de Sande, censoaria a José Francisco da Silva, e em parte allodial, no valor de 786$000 réis.

N.º 857

O campo dos Pesos, lavradio, pertença do Casal das Barreiras, e foreiro ao Conselheiro Jeronymo da Cunha Pimentel, no valor de 364$000 réis.

N.º 858

O campo do Prado, lavradio pertença do Casal das Barreiras, em S. Lourenço de Sande, e um bocado de terra inculta com amieiros, allodial, no valor de 400$000 réis.

N.º 859

O campo da Matta, no logar da Cachada, lavradio, pertença do Casal das Barreiras, allodial, do valor de 110$000 réis.

N.º 860

O prado Bezerraque, lavradio, pertença do Casal das Barreiras, em S. Lourenço de Sande, allodial no valor de 200$000 réis.

N.º 861

O campo da Cachada, no logar do Agro Longo, lavradio, pertença do Casal das Barreiras em S. Lourenço de Sande, allodial, no valor de réis 240$000.

N.º 862

O campo de Bezerraque, e a leira da Agrella, terra lavradia, com tojal fora e dentro da parede, allodial, pertença do Casal das Barreiras, em S. Lourenço de Sande, no valor de 700$000 réis.

N.º 863

A bouça dos Garrins, com matto e lenhas, pertença do Casal das Barreiras, em S. Lourenço de Sande, allodial no valor do 160$000.

N.º 864

A leira Grande das Lages, no Monte Frio, terra de matto, pertença do Casal das Barreiras, na freguezia de Longos, allodial, no valor de 40$000 réis.

N.º 865

A leira pequena das Lages, no Monte Frio, freguezia de Longos, terra de matto pertença do Casal das Barreiras, allodial, no valor de 30$000 réis.

N.º 866

A leira do Caminho, no Monte Frio, freguezia de Longos, terra de matto pertença do Casal das Barreiras, allodial, no valor de 20$000 réis.

N.º 867

A leira da Pedra d'Era, no Monte assim chamado freguezia de Longos, terra de matto pertença do Casal das Barreiras, allodial, no valor de 30$000 réis.

N.º 868

A sorte de matto no Monte do Espirito Santo em S. Lourenço de Sande, allodial e pertença do Casal das Barreiras, no valor de 100$000 réis

N.º 869

O campo do Suavel, lavradia, com um tojal ao sul, no logar da Veiga da Corva, em S. Lourenço de Sande, allodial, no valor de 150$000 réis.

N.º 870

Uma morada de casas terreas e sobradadas e mais dependencias, terra d'horta e lavradia, com um terreno de logradouro ao lado do sul, tudo no logar da Rechã, freguezia de S. Lourenço de Sande, foreira a Arthur Baptista Sampaio, da freguezia de S. Martinho de Sande, no valor de 300$000 réis.

Declara-se que o pagamento da contribuição e todos os encargos, constantes da certidão da conservatoria transcripta na precatoria, ficam a cargo dos arrematantes, bem como todo e qualquer encargo desconhecido, de modo que os arrematantes não terão direito a abatimento algum no preço porque arrematarem, seja qual for a rasão, motivo ou pretexto que invoquem, declarando-se outrosim que as referidas propriedades são postas em praça sobre si, conforme se acham descriptas, e, depois de se colherem seus lanços, serão postas novamento em praça todas juntas, fazendo-se, afinal a entrega a quem as pretender todas juntas, no caso de ser offerecido maior lanço do que em separado.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem querendo á dita arrematação.

Guimarães, 20 de Dezembro de 1902.

Verifiquei,

S. Leal

O escrivão do 1.º officio,

Manoel Dias d'Oliveira